

editorial

A agenda dos movimentos sociais continua pautada pela luta antiglobalização, contra os acordos comerciais e na batalha pela soberania de nossos países e direitos de mulheres e homens. Para o movimento feminista há uma tarefa à mais: continuar convencendo os movimentos que outro mundo só será possível quando mudarmos a vida das mulheres. E é sob este ponto de vista que o movimento de mulheres incide e mobiliza, vai para as ruas e apresenta propostas.

Mas, apesar dos já variados desafios colocados aos movimentos sociais, é necessário uma reflexão e articulação entre as agendas dos movimentos e a das mulheres; entre as ações internacionais e a relação com as agendas locais.

Por isso precisamos nos integrar, discutir os processos de mobilização e fortalecer a presença dos movimentos sociais nas lutas que estão por vir: a Área de Livre Comércio das Américas (Alca), que em novembro entra na fase final das negociações; atividades contra a OMC; contra os transgênicos e, no caso das brasileiras em movimento, a campanha pela valorização do Salário Mínimo.

A Marcha Mundial das Mulheres, por exemplo, já esteve nas ruas por duas ocasiões, apresentando o aumento do mínimo como uma maneira de fazer o país crescer e distribuir renda: durante a Marcha das Margaridas, em agosto, em Brasília; e agora, no 17 de outubro – Dia Internacional de Combate à Pobreza – em diversas capitais, conversando com as mulheres e recolhendo aerogramas que foram enviados à Presidência da República.

As Semprevivas



Renato Stockler/Jornal Brasil de Fato

Mulheres em movimento nas ações contra a OMC

Estratégias das mulheres frente ao livre comércio*

Por Mirian Nobre

Nós, da Marcha Mundial das Mulheres, fomos a Cancun, junto com os movimentos sociais, com o propósito de tirar dos trilhos a Organização Mundial do Comércio (OMC). Mais um momento de um processo no qual estamos construindo a força das mulheres e do movimento feminista como parte da resistência ao livre comércio.

Temos realizado um grande trabalho de construção coletiva de argumentos sobre porque a OMC não nos serve. Partimos das nossas vivências e percebemos como o livre comércio e a ditadura do mercado já estão operando e tocado profundamente nossas vidas. Temos resgatado histórias de luta e resistência dos povos, principalmente as que têm conseguido frear o apetite dos investidores e a leniência dos governos, que quebram o sentimento de impotência frente a interesses tão poderosos.

Trabalhamos com as mulheres o que

é o discurso econômico para que quando leiam o jornal traduzam as reais intenções por trás das palavras. Há muito tempo discutimos como desnaturalizar as relações entre homens e mulheres, agora também desnaturalizamos o discurso econômico. Ele fala de mercados tensos ou fluxos de capitais como se fossem personificações que escondem escolhas e interesses de pessoas determinadas. Ao mesmo tempo, cada vez fala-se mais das mulheres em tensão pré-mestrual e do próprio fluxo menstrual como imposições da natureza para nos aprisionar em um feminino construído de forma a restringir nossas possibilidades de estar no mundo.

Rechaçando a OMC por inteiro

Discutimos cada um dos temas dos grupos de trabalho das negociações comerciais. Mas a separação analítica não implica em uma visão fragmentada.

continuação da capa

As indústrias farmacêuticas são as mesmas que produzem transgênicos e têm aplicações na bolsa de valores. Pode-se buscar as contradições internas ao capital, mas estas, muitas vezes, se resolvem nas próprias empresas. Não há tanta separação entre interesses do capital industrial, agro-negócio ou capital financeiro porque, no fim, há um processo de concentração de poder nas mãos de umas poucas transnacionais.

A armadilha está em escolher entre o que é pior, e assim demanda-se agricultura fora da OMC, serviços essenciais fora da OMC. Mas por que não questionar a OMC como um todo?

O tema do turismo é considerado serviço não essencial e a União Européia já pediu ao Mercosul que faça ofertas nesta área em proposta de acordo bilateral. Mas por que o governo brasileiro deveria abrir mão de regular o turismo dentro de um projeto soberano de desenvolvimento? Ainda mais de um ponto de vista feminista. Temos visto como os projetos do BID para aumentar o turismo no Nordeste fomentaram o turismo sexual. Em Cancun, vimos a privatização das praias. A cidade foi construída tendo serviços essenciais como a coleta e distribuição de água privatizados. Os empregados dos hotéis se dirigem aos hóspedes em inglês mesmo quando perguntados em espanhol. Destrói-se a identidade de cada país para fazer uma pequena Miami em várias partes do mundo. Não queremos o modelo de maquiladoras se expandindo pelo mundo, também não queremos a expansão do modelo Miami de turismo.

Aliança com os movimentos sociais

Temos trabalhado em aliança com os movimentos sociais procurando estabelecer uma relação de mão dupla. Não nos restringimos à idéia usual de que aliança se faz nos temas de consenso geral e que os demais, considerados específicos, são levados por cada movimento. Queremos que os movimentos sociais com-



Centro de Miria Independente

Ação de feministas nas manifestações em Cancun

preendam a análise e a agenda feminista, porque para mudar o mundo, para enfrentar as grandes dificuldades dos dias atuais, o feminismo é imprescindível.

De nossa parte, temos a tarefa de fazer uma leitura dos acordos comerciais sob uma ótica feminista. Começamos por ver quais são seus impactos sobre as mulheres, mas ainda nos restringido aos papéis tradicionalmente atribuídos a nós como mães, como pessoas que asseguram o cuidado e a vida cotidiana. Esta é uma realidade, as mulheres estão sofrendo com a privatização da água porque isto dificulta lavar a roupa, limpar a casa, porque as crianças adoecem com água de má qualidade e tudo isto recai sobre elas. Mas temos que avançar para pensar como o debate sobre o “livre comércio” nos toca por inteiro e uma chave que temos explorado para isto é pensar a mercantilização da vida, das relações interpessoais e do corpo das mulheres.

Debate entre feministas

O debate entre nós, feministas que temos trabalhado sobre os acordos de livre comércio, não se restringe a uma contraposição entre as que são pela mobilização e as que são pela incidência.

Mesmo porque, as e os que querem tirar a OMC dos trilhos incidem e mobilizam. O importante é saber qual o sentido de nossa ação: fortalecer a autonomia das mulheres e a soberania das nações ou acomodar uma retórica de direitos das mulheres no quadro institucional do comércio entre países.

Desde a Rodada de Doha, a OMC propôs uma agenda para o desenvolvimento, com temas como mulheres e meio ambiente compondo um discurso com pitadas de social para ganhar legitimidade. No tema de gênero, a estratégia é reforçar o caráter empreendedor das mulheres, o que nos remete à questão de se há contradições nos interesses das mulheres frente ao tema do livre comércio.

Como propõe Danielle Kergoat, hoje pela primeira vez na história, há mulheres que são elas próprias a personificação do capital e não mais mediadas por seus pais, amantes ou maridos. Portanto, quando falamos dos direitos das mulheres nos acordos comerciais, estamos falando dos direitos de todas as mulheres ou somente de algumas?

* Texto elaborado a partir da apresentação de Miriam Nobre no Fórum Internacional dos Direitos das Mulheres nos Acordos Internacionais, em Cancun.

Mulheres em movimento contra o livre comércio

A 5ª Reunião Ministerial da Organização Mundial do Comércio, que aconteceu em Cancun, de 10 a 14 de setembro, terminou em colapso. A Organização saiu dos trilhos e sua tecnocracia terá grande dificuldade para colocá-la nos eixos. Temos muito a comemorar. Mas também temos que refletir sobre como os movimentos sociais do mundo todo responderam ao chamado de ações coordenadas e como isto refletiu em Cancun.

Um grupo de ação direta feminista esteve na linha de frente da manifestação do dia 13 de setembro. Muitas jovens cortaram com alicates as correntes e grades das barreiras de metal que impediam o acesso à zona hoteleira onde ocorria a reunião. A delegação coreana continuou o trabalho: cordas foram cuidadosamente amarradas nos pontos mais frágeis das grades. Durante horas, respondendo à voz de comando manifestantes de muitos movimentos e nacionalidades puxavam as cordas até a derrubada e remoção das barreiras.

Antes disso, no dia 10 de setembro, a Via Campesina organizou uma passeata que reuniu quase dez mil pessoas, a maioria camponeses e camponesas, aos quais se somaram todos os movimentos ali presentes. Vários protestos perturbaram as regras do jogo dentro do centro de conferências, onde se realizava a reunião. Outras manifestações tomaram as praias privatizadas de Cancun para chamar a atenção da imprensa e denunciar o caráter opressivo da OMC.

Feministas contra a OMC

Nos dias 8 e 9 de setembro, aconteceu o Fórum de Mulheres, organizado por uma coalizão de grupos feministas chamada "Mujeres hacia Cancun". Foram apresentados vários estudos de caso relacionando temas em debate na OMC, como a privatização de serviços públicos, propriedade intelectual, políticas de investimentos e a vida das mulheres. Mas o momento mais intenso foi a discussão



Elisângela Gurgel

No Brasil, feministas lutam contra a tirania do mercado

das estratégias das organizações feministas frente à OMC. Enquanto movimentos, ONG's, parlamentares e mesmo governos atuavam para restringir o raio de ação da OMC, algumas feministas presentes no Fórum propunham a criação de uma comissão de gênero dentro da OMC. Segundo elas, este grupo teria a tarefa de avaliar o impacto de gênero dos acordos e incluir mais mulheres nas negociações.

A proposta foi rejeitada com a intervenção de muitas mulheres: "por que vamos entrar num trem que queremos tirar dos trilhos?". Esta idéia é absurda, uma vez que já se tornou público o caráter anti-democrático e excludente da OMC, que funciona a serviço das grandes transnacionais e dos governos dos Estados Unidos e União Européia.

Mas esta proposta nos remete a um debate mais amplo: até quando aceitaremos que o tema gênero seja utilizado para dar um novo verniz a estruturas de poder em crise de legitimidade? Qual o preço que o movimento feminista, ou parte dele, vem pagando por isto? Como já se pode perceber, os debates sobre a OMC e os chamados acordos de livre comércio, como a Alca, são assuntos para refletirmos o que queremos para nossas

vidas e para nosso planeta, e construirmos alternativas.

Campanha contra a Alca

Enquanto nos mobilizamos para tirar a OMC dos trilhos, a campanha contra a Alca (Área de Livre Comércio das Américas) não pode parar. Nos dias 4 e 5 de outubro, foi realizada, em São Paulo, a 12ª Plenária Social da Campanha brasileira contra a Alca, que avaliou o momento e apontou estratégias para o futuro.

Há uma compreensão compartilhada que, no momento atual, estamos encerrando uma primeira etapa da nossa luta em que nos fortalecemos e ampliamos a mobilização contra as políticas neoliberais imperialistas no continente.

Desde o Fórum dos Povos paralelo à reunião ministerial da Alca em Québec, em 2001, movimentos de todo o continente se unificaram para dizer "Não à Alca" e organizar consultas populares em cada país. A Marcha Mundial das Mulheres faz parte da construção desse percurso e em janeiro de 2004, vai estar presente no Encontro Hemisférico contra a Alca, em Cuba. O encontro deve ser um momento importante de balanço e renovação da resistência popular aos projetos do capital transnacional nas Américas.

Uma voz feita de céu e mar

Quem já conhece o céu e o mar precisa conhecer Ceumar. Um nome que ainda não perdeu o encanto, que não é figura fácil nos programas de auditório e de entretenimento da televisão.

Ceumar é mineira de Itanhandu, mas vive em São Paulo desde 1995. Seu talento se estende além da voz, que tem os sons bonitos da natureza e das cantigas de criança. Produtora, arranjadora e compositora, ela transforma versos simples em verdadeiras pérolas da poesia e do ritmo.

Em 2000, estreou com o CD *Dindinha*, produzido por Zeca Baleiro. Desde então vem se destacando por sua originalidade, sua voz e escolha musical. É cantora que toca violão e faz arranjos, pensa a sua música com liberdade. Cada vez mais é Ceumar quem dá o tom de seu trabalho.

Em *Sempre Viva*, seu segundo CD, lançado em 2003 pela Elo Music, ela estreia como produtora e compositora. Assina vários arranjos sozinha e alguns

em parcerias com Paulo Lepetit, Webster Santos, Rogério Delayon e Swami Jr. Traz também a balada “Seu olhar”, de Arnaldo Antunes, que ganha uma roupagem mais sutil no timbre aveludado de Ceumar. *Sempre Viva* passeia por um universo único, com baladas, xote, sambacação, batuque, jongo e blues.

Sobre ela, diz a jornalista Regina Porto: “...essa feminilidade que a sua música emana... o seu disco é uma graça concedida aos dias modernos. Dias excessivamente masculinos, numa cidade excessivamente masculina, num mundo excessivamente masculino, com seus valores absolutos calcados no poder masculino: dinheiro, guerra, brutalidade. Acho que percebi que você possuía esse dom de apaziguar desde a primeira vez que a ouvi...”.

Pedidos podem ser feitos em www.ceumar.com.br.

Texto publicado originalmente no *Páginas Feministas*, boletim do Centro Feminista 8 de Março, de Mossoró (RN).

o que rola

Encontro de jovens feministas reúne 200 em Montreal

A luta contra a globalização capitalista, o controle social do corpo das mulheres, práticas LGBT no movimento de mulheres e o crescimento do anti-feminismo são alguns dos temas que motivaram as discussões, de 26 a 28 de setembro, no 1º Encontro de Jovens Feministas – “Unidas para ser rebeldes”, realizado na universidade de Montreal, Canadá.

As jovens feministas de Québec pretendem organizar coletivos para lutar contra a publicidade sexista e uma caravana de educação popular para visitar escolas desmistificando o feminismo e criando espaços de reflexão e solidariedade.

“Há mais de um ano queríamos reunir as jovens feministas para debater questões que nos preocupam”, explica Elsa Beaulieu, integrante do comitê de jovens da Federação de Mulheres de Québec e do comitê organizador do evento. “O sucesso prova que há uma grande vontade de juntar nossas energias para conduzir lutas comuns à nossa geração”. No final do Encontro, as jovens passaram à ação: trocaram os nomes das ruas por nomes de mulheres que fizeram história, enquanto outras distribuíam às passantes balões com o recado “Você é linda!”.

folhafeminista

nº 46 setembro de 2003 ISSN 1516-8042

CONSELHO EDITORIAL

Andréa Butto, Francisca Rocicleide da Silva (Roci), Helena Bonumá, Ivete Garcia, Maria Amélia de Almeida Teles (Amelinha), Maria Ednalva Bezerra de Lima, Maria Emília Lisboa Pacheco, Maria de Fátima da Costa, Maria Otilia Bocchini, Martha de la Fuente, Mary Garcia Castro, Matilde Ribeiro, Raimunda Celestino Macena e Tatau Godinho.

A Folha Feminista, ISSN 1516-8042, é um boletim da SOF na luta feminista. Este número tem apoio financeiro da Fundação Heinrich Böll.

EQUIPE EDITORIAL

Diretora Responsável: Nalu Faria
Editora: Fernanda Estima (Mtb 25.075)
Projeto Gráfico: Alexandre Bessa
Diagramação: Márcia Helena Ramos
Fotolito: Input
Impressão: RWC Artes Gráficas
Tiragem: 1.500 exemplares
Número avulso: R\$1,50



Assinatura anual (10 números): R\$15,00

Rua Ministro Costa e Silva, 36, Pinheiros
 05417-080 - São Paulo / SP
 Tel/fax: 3819-3876
 Correio Eletrônico: sof@sof.org.br
 Página na internet:
<http://www.sof.org.br>

próximos números

- ÁGUA NOS ACORDOS COMERCIAIS
- TRANSGÊNICOS E A VIDA DAS MULHERES